



Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços

N.º 26 – 2007

Esses, vestidos de branco, quem são e de onde vêm?

No dia 27 de Abril, foi dada a notícia da beatificação de 498 mártires do século XX em Espanha, que terá lugar em Roma no dia 28 de Outubro. Flor do Carmelo recorda e associa-se a este acontecimento por várias razões. Entre estes 498 encontram-se 31 Carmelitas Descalços: 16 de Toledo, 1 de Oviedo e 14 de Barcelona. Desde aqui manifestamos a nossa alegria e unimo-nos aos nossos irmãos da Catalunha, Oviedo e Toledo. Não é preciso voltarmos aos primeiros séculos do cristianismo para observar as perseguições em massa à Igreja. Em todas as etapas da sua história isto acontece. Em todos os tempos e lugares aparecem cristãos dispostos a serem martirizados em prol da sua fé em Jesus Cristo. Mas, assim em massa? É o que se vê. E não é preciso recuar muito no tempo. Aconteceu aqui, ao nosso lado, na nossa vizinha Espanha e em pleno século XX. Foram centenas de irmãos nossos fuzilados, gritando vivas a Cristo Rei.

A respeito do convento de Toledo, onde a comunidade de Carmelitas Descalços ofereceu à glória de Deus a vida dos seus 16 mártires escreve o cronista: “Tudo são ruínas e lágrimas. Somente as palmas do martírio, iluminadas pela fé, flutuam sobre estas tristezas e escombros”. Mártires eles, e mártir também o convento. Assim, o relata o Padre Filipe do Menino Jesus, que chegou a Toledo no dia 1 de Outubro em carta de 19 de Novembro de 1936: “O convento todo queimado, destruído e saqueado; da sacristia não resta nada; da biblioteca, menos ainda, tudo perdido, nem roupas das celas, pois foram queimadas e saqueadas. Só ficaram de pé as celas dos irmãos Daniel e Clemente, e nelas tudo pelo chão, sem nada que possa servir... Quando cheguei ao convento não pude fazer outra coisa senão chorar ao ver tanta desolação; na Igreja não havia nada, tudo pelo chão e destruído”.

Toledo, um convento com muita história, por onde passaram personagens ilustres da Ordem; onde se celebrou

em 1600 um Capítulo Geral, com uma enorme biblioteca com mais de 30.000 volumes, das melhores no seu género, possuindo edições raras, alguns incunábulos e manuscritos de bastante mérito... E pensar que tudo tenha desaparecido em vinte e quatro horas, em pleno século XXI!... Aos altares não se chega facilmente. É para valentes.

É bom recordar este acontecimento para nos consciencializarmos que o martírio é o sinal mais autêntico

da Igreja de Jesus, uma Igreja formada por homens frágeis, débeis e pecadores mas, que sabem dar testemunho da sua fé e do seu amor incondicional a Cristo pela força do seu Espírito. O mártir que morre dando o perdão ao seu verdugo remete-nos para uma realidade que supera o humano e convida-nos a reconhecer a força e a graça de Deus actuando na debilidade da história humana. E o mundo tem necessidade deste perdão que chega a confundir os adversários, porque “não há paz sem justiça e não há justiça sem perdão”.

O mistério do martírio é inseparável da missão a que Deus chama cada cristão e nele se realiza o desígnio da sua Providência. Em Jesus culmina essa série de perseguidos por aqueles a quem foram enviados e de Jesus também arranca esse número de discípulos, que não pode “correr sorte diferente do Mestre”. O mártir é essa humanidade de acréscimo em que Jesus revive o seu martírio.

O século que terminou é o século dos mártires e da perseguição religiosa. A Igreja tomou consciência disto muito tarde, praticamente nos últimos anos do século, sob influência do Papa João Paulo II. Ele conheceu pessoalmente a tragédia dessa “guerra pior”, da perseguição à Igreja. A Polónia viveu a ocupação nazista, o holocausto que devorou uma quantidade significativa de judeus polacos e europeus, o controlo soviético e o regime comunista com a perseguição religiosa. Para João Paulo II, o martírio não foi uma história



antiga, mas uma realidade contemporânea. Ele próprio foi vítima de um atentado, que o poderia conduzir à morte.

A partir da sua experiência pessoal, João Paulo II estava convencido que o martírio é uma realidade do cristianismo. Daí a sua insistência na necessidade da recuperação da memória dos mártires contemporâneos. E nesta preocupação inscreve-se a beatificação dos mártires da guerra de Espanha. Isto justifica o convite feito: “É conveniente que as Igrejas locais façam tudo para não deixar acabar a memória de quantos sofreram o martírio, recolhendo a necessária documentação”.

P. JEREMIAS CARLOS VECHINA, OCD

“Uma alma tem grandes desejos de ser mártir. Deus poderá responder-lhe, dizendo: «Tu serás mártir». Recebe interiormente uma grande consolação e confiança de que o será; contudo, pode não morrer mártir e a promessa ser verdadeira. Mas como é que pode, se não foi assim que sucedeu? Porque se pode cumprir, e cumprir-se-á, no seu sentido mais importante e essencial, isto é, Deus conceder-lhe-á essencialmente o amor e o prémio de mártir. Assim, Deus verdadeiramente concede à alma o que ela formalmente desejava e Ele prometeu. É que o desejo formal da alma não era aquele género de morte, mas oferecer a Deus o serviço de mártir e exercitar-se no amor por Ele como mártir. Aquela maneira de morrer não vale nada em si sem este amor. Ele pode conceder-lhe perfeitamente, através de outros meios, o amor, a experiência e o prémio do martírio. E, embora não morra mártir, a alma fica satisfeita porque recebeu o que desejava”

(S. João da Cruz, 2S 19, 13)

“Como Jesus, Filho de Deus, manifestou a sua caridade, entregando a vida por nós, ninguém tem amor maior quer aquele que dá a sua vida por Ele e pelos seus irmãos. A dar este testemunho máximo de amor diante de todos, principalmente diante dos perseguidores, foram chamados alguns cristãos já desde os primeiros tempos, e outros continuarão a sê-lo sempre. É por isso que o martírio, pelo qual o discípulo se assemelha ao Mestre que aceitou livremente a morte pela salvação do mundo, e a Ele se conforma na efusão do sangue, é considerado pela Igreja como doação insigne e prova suprema da caridade. Se poucos o chegam a sofrer, todos devem estar prontos a confessar Cristo diante dos homens e a segui-LO pelo caminho da cruz, no meio das perseguições que nunca faltam à Igreja”

(Vaticano II, LG 42)

Louvor de glória **– Espiritualidade –**

“Vivo no céu da fé, no centro da minha alma e procuro ser a felicidade do Mestre, tentando ser na terra o louvor da sua glória” (C 274).

(continuação do número anterior)

Como vimos, no número anterior, a descoberta desta expressão paulina foi ocasional. As duas palavras, com tão ricas harmonias bíblicas e litúrgicas, foram a chispa que produziu um incêndio na alma da Irmã Isabel. Foram como uma iluminação interior, como a descoberta de algo que já estava escrito no seu coração e necessitava de ser lido por alguém, como se sentisse pela primeira vez chamada por Deus pelo seu verdadeiro nome, o nome novo que os eleitos têm escrito na pedra branca e que conservarão por toda a eternidade.

A exegese, que a Ir. Isabel faz destas palavras, é pura poesia, uma teologia estética que nasce do profundo de uma experiência singular. Os dois textos mais conhecidos encontram-se nos dois retiros espirituais.

O primeiro texto é mais poético. Todo ele merece ser lido. Devido ao pouco espaço que dispomos citaremos, simplesmente, umas quantas frases que mostram, lírica e musicalmente, o desenvolvimento do tema.



Isabel da Trindade aos três dias de ingressar no Carmelo, 5 de Agosto de 1901

O que é ser Louvor de glória?

“Como responder à nossa vocação e chegar a ser perfeitos *Louvores de glória* da Santíssima Trindade?” – interroga-se Isabel.

“*Um louvor de glória* é uma alma que mora em Deus, que O ama com amor puro e desinteressado amor...

Um louvor de glória é uma alma silenciosa que permanece como uma lira sob o toque misterioso do Espírito Santo a fim de que Ele possa extrair dela harmonias divinas...

Um louvor de glória é uma alma que contempla permanentemente a Deus, na fé e na simplicidade. É um reflexo do ser de Deus. É como um abismo sem fundo, no qual Ele pode verter-se e expandir-se; é ainda como um cristal através do qual Ele se pode reflectir e contemplar em todas as suas perfeições e seu próprio esplendor. Uma alma que, deste modo, permita ao Ser divino que nela sacie a necessidade de comunicar ‘tudo o que Ele é, tudo o que Ele tem’ é, de facto, o louvor de glória de todos os seus dons.

Um louvor de glória é um estar em contínua acção de graças...

O louvor de glória começa já, no céu da sua alma, o seu ofício de eternidade. O seu cântico nunca se interrompe, porque está sob a acção do Espírito Santo que nele tudo opera...

No céu da nossa alma sejamos *louvores de glória* da Santíssima Trindade, louvores de amor da nossa Mãe Imaculada. Um dia o véu cairá, seremos introduzidos nas eternas moradas, e aí cantaremos no seio do infinito Amor. E, então Deus nos há-de dar ‘esse novo nome, prometido ao vencedor’. Qual será? LAUDEM GLORIAE” (CF 41-44).

A outra página da Irmã Isabel, embora sendo menos poética, é mais bíblica e cristológica. Ela confronta-se agora com Cristo, o perfeito *louvor* do Pai, a imagem radiosa do Pai.

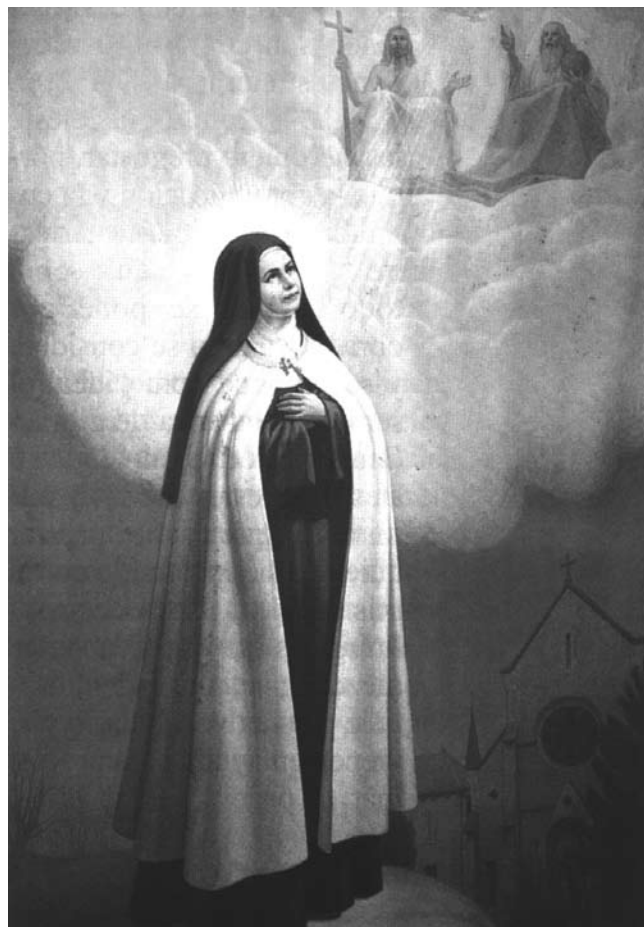
Isabel apresenta uma síntese doxológica da vida de Cristo e interpreta-a em clave litúrgica. Tudo em Jesus é louvor da glória do Pai. O louvor não é uma palavra, um sentimento, mas, é o próprio Verbo. E todo aquele que se identifica com a própria vida de Jesus é também com Ele e como Ele louvor da glória do Pai.

Cristo, perfeito Louvor de glória.

Cristo no seu mistério pascal, é o perfeito louvor de glória do Pai, e quem se identifica com Ele sacramentalmente pelo Baptismo e a Eucaristia, pode e deve identificar-se com os seus sentimentos, para ser também louvor da Sua glória.

“A alma que quer servir a Deus noite e dia no seu templo – refiro-me a esse santuário interior, de que nos fala São Paulo, quando diz: ‘O templo de Deus é santo

e vós sois esse templo’ –, essa alma deve comungar *efectivamente* na paixão do seu Mestre. É uma redimida, que deve redimir outras almas, por seu turno e, para isso, há-de cantar na sua lira ‘Glorifico-me na Cruz de Jesus Cristo. Com Jesus Cristo estou pregada à Cruz...’”.



“Então, pode servir a Deus ‘*noite e dia no seu templo!*’ As provações, de fora ou de dentro, não a podem fazer sair da sua santa fortaleza, onde o Mestre a encerrou. Ela já não tem mais, ‘*fome nem sede*’, porque, apesar do ardente desejo da Beatitude, encontra a saciedade naquele alimento que foi o do seu Mestre: ‘a vontade do Pai’. ‘*Já não sente o sol cair-lhe em cima*’, quer dizer, já não sofre por sofrer. Então, o Cordeiro, pode ‘*conduzi-la às fontes da vida*’, onde Ele quer, como Ele entende, porque ela já não repara nas veredas por onde passa, mas fixa simplesmente o Pastor que a conduz. Deus, inclinando-se sobre esta alma, sua filha adoptiva, tão conforme à imagem do seu Filho, ‘primogénito de entre todas as criaturas’, reconhece-a como uma daquelas que Ele ‘predestinou, chamou, justificou’. E, nas suas entranhas de Pai, estremece ao pensar em consumir a sua obra, quer dizer, ao ‘glorificá-la’, transferindo-a para o seu reino, para aí cantar, pelos séculos sem fim, ‘o louvor da sua glória’” (UR 13-14).

Para compreender o que Isabel quer dizer com o “louvor de glória” é necessário começar, embora brevemente, pelo texto bíblico que a impressionou e lhe trespassou o coração. No primeiro capítulo da carta aos

Efésios, S. Paulo apresenta um grande hino de louvor a Deus para Lhe agradecer o seu desígnio de amor por aquilo que nos diz respeito. Só brevemente faremos a sua exegese. O movimento do pensamento do Apóstolo tem três tempos:

– em primeiro lugar, bendiz a Deus por este desígnio de salvação que *remonta* a “antes da criação do mundo”; *tem o seu centro*, eterno e histórico, em Cristo; *tem como finalidade* a que cheguemos a ser verdadeiros filhos de Deus, acolhendo-nos totalmente no seu amor; *tem como motivo* a absoluta gratuidade do mesmo Deus: tudo isto *para louvor da sua graça* (Ef 1, 2-6);

– em segundo lugar, o Apóstolo contempla o centro mais importante deste desígnio divino: Cristo que morreu por nós, livrou-nos do pecado, enriqueceu-nos com a sua graça superabundante, e fez-nos conhecer os desígnios secretos de Deus. Deste modo, nós compreendemos que o Pai queria purificar e restabelecer em Cristo “tudo o que existe” e podemos tomar parte no seu desígnio: fomos eleitos; tudo isto *para que fôssemos louvor da sua glória* (vv. 7-14);

– em terceiro lugar, uma vez que escutámos a sua palavra e acreditámos, estamos selados com o selo de Cristo, recebemos o seu Espírito e tudo é uma prenda da paz que Deus nos dará quando tiver tomado posse total de nós: tudo isto *para louvor da sua glória* (v 14).

Cada um destes três elementos da contemplação do Apóstolo termina com uma referência ao *louvor de glória*. Mas, o primeiro que há que sublinhar, não é de compreensão imediata: o Apóstolo convida-nos a louvar a Deus, mas *porque* Deus nos concedeu a graça de nos eleger como seu louvor. Noutras palavras, Deus desde toda a eternidade quis louvar-se a si mesmo, glorificar-se a si mesmo, e fez-nos como meio para se poder louvar e glorificar. Nós fomos criados, por conseguinte, em *louvor da sua glória*. Se aceitamos o seu desígnio, *louvamo-lo por ter querido louvar-se em nós*.



Estas expressões, para nós criaturas, à primeira vista, podem parecer chocantes, porque as sobrecarregamos de todas as piores conotações que experimentamos em nós e nos demais: temeroso egocentrismo, vaidade louca, instrumentalização do “outro” e o pior que possamos imaginar: o espantoso solipsismo de quem à sua volta só vê escravos.

Glória repartida e participada

A esta dificuldade poderíamos dar várias respostas de tipo filosófico e teológico, mas basta esta: se Deus estivesse “só”, a procura da própria “grandeza” não O livraria da humilde acusação da criatura, que embora sendo um “tu” para Deus, por mais pequena que seja, estaria obrigada a considerá-lo como um terrível exemplo de egoísmo absoluto.

Mas, Deus é Trindade, comunhão de Pessoas (esta é a beleza impressionante da revelação), então pode ser um Deus que procura a sua própria glória, mesmo com absoluta ausência de qualquer egoísmo; porque nenhum dos “Três” a pretende para si mesmo e a retêm, senão que cada um procura a glória do outro e a dá: o Pai quer a glória do Filho, o Filho a do Pai e o Espírito a de seu amor recíproco.

Se isto assim é, também a criatura humana fica envolta desde o princípio no mesmo intercâmbio: o Pai oferece a criação ao Filho e o Filho ao Pai e o Espírito oferece-a sem cessar aos dois. E a criação, neste intercâmbio de dons, leva Deus a Deus. A criatura existe, portanto, só para glória de Deus, mas Deus encontra a sua glória em dar-se totalmente também à criatura mais pobre.

Uma vez que se conhece o Deus-Trindade, o que podia parecer como a máxima afirmação do egocentrismo (“Deus procura só a sua glória”), aparece como o máximo do amor: Deus procura só a sua glória, mas nós convertemo-nos na sua mesma glória, num misterioso intercâmbio que colocou o Filho de Deus no último lugar dos homens.

Vem ao caso citar S. João da Cruz: “Para compreender isto, é preciso saber que Deus, assim como não ama nada fora de Si, também não ama nada que seja inferior a Si. E, porque Ele ama todas as coisas por causa de Si, o amor tem a razão do fim: não ama as coisas pelo que elas são em si mesmas. Portanto, amar Deus a alma é, de certo modo, metê-la dentro de Si, igualando-a consigo; ama-a conjuntamente com o mesmo amor com que Se ama a Si próprio” (CE 32, 6).

A intuição de Isabel, fruto da sua experiência, deu-lhe a capacidade de sintetizar toda a sua doutrina com absoluta clareza

A finalidade da sua vida era a de chegar a ser uma “vivente louvor de glória” de Deus. Esta expressão é a única que descreve adequadamente o espaço da existência cristã.

(continuará)

Encontro Nacional da Ordem Secular

De 20 a 22 de Abril, decorreu em Fátima, no Centro Catequético, o habitual Encontro anual, que reuniu representantes de oito comunidades de carmelitas seculares, excepto a do Funchal, com o Padre Provincial e Padre Assistente Nacional, Assistentes das Comunidades do Porto, Paços de Ferreira e Viana de Castelo.

O tema de fundo foi “A História da Ordem do Carmo em Portugal” profundamente explanada nas conferências do Professor Carlos Margaça.

A vivência do Espírito de Família, característico da Ordem foi um pouco reflectida em reuniões de grupo que surgiram, no programa, como novidade experimental.

A Teresa Cardoso Peres fez a Promessa Definitiva na Missa de encerramento na Capela do Carmelo de S. José, presidida pelo Padre Provincial que concelebrou com os outros três Padres, após a qual e muito rapidamente passámos pelo locutório, onde trocamos brevíssimas palavras com as Irmãs.

Este ano, a Assembleia foi electiva tendo, por isso, sido prolongado o tempo de trabalho, porque foram vários os escrutínios.

Apurada a composição do *Conselho Nacional* com:

- Presidente: Maria Emília André Gonçalves (Coimbra)
- Conselheira: Maria Dulce Flor (Lisboa)
- Conselheiro: António Machado (Aveiro)
- Conselheira: Alice Montargil (Coimbra)

E do *Conselho Fiscal* com:

- Presidente: António José Machado (Porto)
- Vogal: Maria Luísa Cambão (Viana do Castelo)
- Secretária: Rita Páscoa (Aveiro)

O Encontro terminou em clima de expectativa, dinamismo e amizade.

Alice Montargil

Conselho Nacional

No passado dia 14 de Junho, o Conselho Nacional reuniu-se na Casa Domus Carmeli, em Fátima com a presença do Assistente Nacional, da Presidente do Carmelo Secular e dos três Conselheiros.

O Sr. Padre Jeremias abriu o primeiro encontro deste Órgão de Governo recentemente eleito, invocando o Espírito Santo, dirigindo palavras de incentivo e de recomendação na “fidelidade no pouco”.

A Maria Emília André, na qualidade de Presidente, orientou a reunião segundo a agenda de trabalhos por ela própria elaborada, que visou vários aspectos, entre eles a análise do Encontro Nacional e a entrega de tarefas a cada um dos Conselheiros da forma seguinte: ao António Machado -a animação nas acções litúrgicas; à Maria Dulce Flor -os trabalhos de tesouraria; e à Alice Montargil -a função de secretária.

Criou-se um ambiente de partilha, em diferentes perspectivas, sobre aspectos considerados prioritários para que a nova equipa corresponda, no seu melhor, à responsabilidade e confiança nela depositadas. Tendo sido dedicado todo o tempo necessário a esta actividade, conforme o aviso de S. João da Cruz, espera este Conselho que cada vez mais “os olhos se abram e se reconheça o brilhar do sol” sobre toda a Ordem Secular.

Em clima de fraterna disponibilidade, encerraram-se os trabalhos como haviam começado: pela oração.

Alice Montargil

O Carmo Jovem veio até nós

No dia 29 de Abril, a Comunidade de Santa Teresinha de Coimbra, na Vila das Alhadas, foi privilegiada com a passagem de 13 jovens de Comunidades do Norte que, a partir de Aveiro e acompanhados por Frei João Costa. Peregrinavam a pé rumo a Fátima.



Este grupo, extraordinariamente simpático, comunicativo e numa atitude alegre e apostólica, catalisou e animou os lugares por onde ia passando. Nomeadamente nas Alhadas, houve uma Celebração Eucarística na qual o Frei João alertou veementemente para o “acordar” perante a necessidade de vocações consagradas e foi visível a resposta participativa de quem nela tomou parte.

Várias portas se abriram para acolher os peregrinos, que juntamente com várias outras pessoas, jantaram no Centro Paroquial. Depois de terem pernoitado, começaram a caminhada, ao início da manhã, imbuídos de espírito de oração, frescura e familiaridade carmeli-

tana. A todos os que ficaram, a estadia desta gente nova pareceu demasiado rápida e deixou o enorme desejo de que voltassem.

Em conversa partilhada, chegou-se à conclusão que os mais velhos podem comunicar experiências para os mais novos não deixarem o Mundo “bater os dentes”.

A eles o muito obrigado! Foi uma Graça! Ficamos à vossa espera!

Uma carmelita secular

Últimos momentos da Irmã Lúcia

Últimos momentos da Irmã Lúcia narrados pela sua superiora, Irmã Maria Celina de Jesus Crucificado.

No dia 21 de Setembro, foi apresentado em Roma, perante numerosos convidados, pelo jornalista Giuseppe De Carli, o livro do cardeal Tarcisio Bertone: *L'última veggente di Fátima – I miei colloqui com Suor Lúcia*. Os circunstantes puderam presenciar, em exclusivo, a projecção de uma vídeoreportagem sobre o convento de Coimbra onde a Irmã Lúcia viveu.

Ela ingressou nele em 1941. Desde 1950 passou a fazer parte estavelmente da comunidade, tendo feito a sua profissão a 13 de Maio do ano anterior. Tomou o nome de Irmã Maria de Jesus e do Coração Imaculado. Na clausura, ela teve diferentes tarefas.

Realizada por Elena Balestri e José De Carli, a reportagem televisiva vai apresentando os vários cenários que tantas vezes os olhos da vidente de Fátima percorreram, e relata que gostava muito de rezar o rosário, e de trabalhar até que os dedos, deformados pela artrose, já não lhe permitiram mais.

Para milhões de devotos de Fátima, os lugares onde a Irmã Lúcia passou quase 57 anos «são misteriosos; na televisão – comentam os realizadores – vimos a vidente de Fátima por ocasião das peregrinações dos Papas Paulo VI e João Paulo II, e a sua última aparição foi em Outubro de 2000, enquanto rezava desde o coro do convento uma dezena do terço em conexão com a Praça de São Pedro».

Daí o carácter certamente excepcional da filmagem que, em Julho passado, «graças à Santa Sé, uma equipe realizou no convento de Coimbra», observam.

O convento, o claustro, o jardim, a imagem da Virgem a cujos pés se sentava, um passeio ao qual se assoma a cela da Irmã Lúcia. O espectador pode contemplar estes lugares. A comunidade religiosa decidiu deixar a cela da Irmã Lúcia aberta, como se estivesse presente. Na porta fica a inscrição: «Coração Imaculado de Maria. Meu Coração Imaculado será teu refúgio».

No interior do quarto conserva-se o leito onde ela morreu, com uma fotografia que a mostra abraçada à superiora. Sustenta nas mãos a mensagem de João Paulo II, de consolo e de proximidade espiritual em sua enfermidade; também se vê um cordeirinho de peluche, presente de um sacerdote italiano.

Completam a cela imagens dos três pastorinhos e da Virgem, a cadeira de rodas, um simplíssimo escritório com os dicionários que consultava diariamente enquanto escrevia, um rosário, um alto-falante, graças ao qual acompanhava a missa e os momentos de oração comunitária.

Superiora da Irmã Lúcia durante seis anos – a última por ordem de tempo –, a Irmã Maria Celina recebeu a equipe televisiva, juntamente com a Irmã Maria do Carmo, irmã de comunidade da vidente de Fátima durante 52 anos. De facto, esta acompanhou a Irmã Lúcia a Fátima em 13 de Fevereiro de 2000, por ocasião da beatificação de seus primos Jacinta e Francisco, uma celebração à qual João Paulo II presidiu.

Das conversas com as duas religiosas anfitriãs se desprende, na reportagem, a vida de recolhimento da Irmã Lúcia, de solidão e silêncio, afastada da curiosidade das pessoas: «no exterior, como todas, no interior como nenhuma».

«Quando ingressei, demorei oito dias em reconhecer a Irmã Lúcia» – recorda a Irmã Maria do Carmo. «Uma irmã me disse: ‘Madre, quer que eu lhe leve um pedaço



de pão para comer à noite?'. E eu pensei que, com certeza, não podia ser ela. No entanto, era ela mesma.»

Os realizadores da reportagem recordam que um dos últimos pensamentos da Irmã Lúcia foi para o Santo Padre, que em Roma estava internado na Policlínica Gemelli; a vidente ofereceu os seus sofrimentos por ele.

Oferecemos a tradução do diálogo mantido na reportagem com a superiora da irmã Lúcia.

A Irmã Lúcia viu Nossa Senhora mais vezes?

Irmã Maria Celina: Ela não falava facilmente disso. Nos últimos anos, no entanto, relatava a extraordinária experiência de 1917. Mas não dizia «eu», mas, «os pastinhos»: referia-se sempre a eles. A imagem de Nossa Senhora não era como ela desejava. Às vezes parecia-lhe feia, não correspondia à precisão da sua lembrança, não era a que o artista havia feito a partir da sua descrição. É um pouco o que ocorreu a Santa Bernadete.

E a quem falava de um quarto segredo, de um segredo não revelado, o que a Irmã Lúcia respondia?

Irmã Maria Celina: Que nunca estão satisfeitos; que cumpram o que a Virgem pediu, que é o mais importante. Quando alguém observava: «Irmã Lúcia, dizem que existe outro segredo...», ela olhava ironicamente. «Se existe – rebatia – que me contem. Eu não conheço outros».

Como era a Irmã Lúcia como religiosa?

Irmã Maria Celina: Era uma pessoa que emanava alegria. Vivi com ela 28 anos e notei que era uma pessoa que quanto mais avançava em idade, mais reencontrava uma infância evangélica. Parecia de novo a menina que na Cova da Iria havia tido as aparições. Quanto mais pesado se tornava o corpo, mais leve se tornava o espírito.

Ela foi-se apagando pouco a pouco, quase docemente?

Irmã Maria Celina: Quando ela precisou de ajuda, pusemos a sua cama no centro da cela e todas nós ao redor, junto ao bispo de Leiria-Fátima. Eu estava de joelhos junto a ela. A Irmã Lúcia olhou a todas e olhou-me por último. Foi um olhar longo, mas havia em seus olhos uma luz profunda que levo em minha alma.

Você ainda a sente próxima?

Irmã Maria Celina: Rezo a ela sempre e sei que ela intercede por nós. Há coisas que não precisam de palavras: basta um gesto, um pensamento. Antes, a Irmã Lúcia tinha problemas auditivos. Agora já não. Agora entende tudo, até sem palavras.



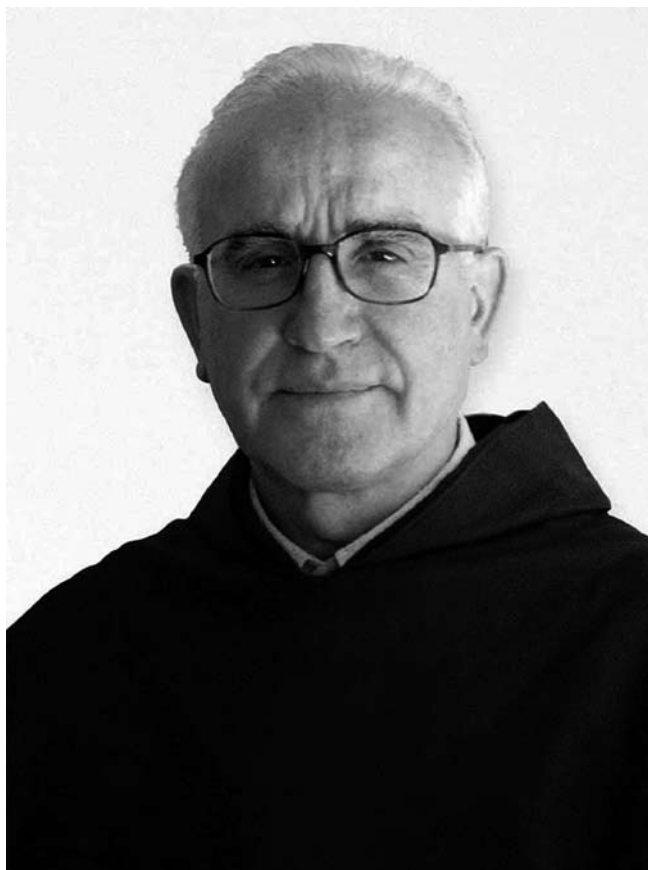
Em cada canto da casa ficou uma saudade admiração!... Uma lembrança do seu passo, ligeiro ou cansado pelo desgaste da vida!... Ficou o eco da sua voz, cantando os seus amores a Nossa Senhora, cânticos que em pequenina cantava, enquanto guardava as ovelhas ou em família. Ficou a ressonância das Avé-Marias que rezava, silenciosamente, como pétalas de rosas, lançadas amorosamente ao Coração Imaculado de Mãe, que bem cedo a cativou!... Ficou a sua cela, sem a sua presença física, mas repleta de recordações!... Ali, nesse espaço solitário, onde tanta coisa de passa na intimidade com Deus, quantas páginas escreveu no Livro da Vida e que só conheceremos no Céu!... Ali quantas graças alcançou para o mundo, pelo seu sacrifício e pela sua oração!... Ali a vimos nos últimos meses da sua vida - vida que compartilhas com tanto amor! - subir os últimos Degraus da Escada da Perfeição, a Senda do Nada do Monte Carmelo!... Sim, completamente despojada, mesmo da sua vontade, ficou a Menina, nas mãos de Deus, abandonada ao Seu querer!... Ali a vimos apagar-se suavemente, quase imperceptível, como silenciosamente se eleva a coluna de fumo do incenso!... Ali ficou... Um rasto luminoso com muita história, sempre uma história de Amor.

Irmã Maria Celina de Jesus Crucificado
do livro: Irmã Lúcia - a Memória que dela temos, p.45

O Carmelo floresce no Sudeste asiático

Entre Março e Abril, o Prepósito Geral dos Carmelitas Descalços, Luís Aróstegui Gamboa, visitou o Carmelo de alguns países do Sudeste asiático.

No seu regresso, fez uma descrição sobre a realidade Carmelitana nesses países, em alguns dos quais se produz um notável florescimento de vocações.



O P. Luís Aróstegui visitou o Vietnam, Camboja, Taiwan, Singapura e Malásia. Adverte que estes países “percorreram e padeceram uma diferente história de colonização, de libertação e de guerras e violentas revoluções. São agora grandes, entre eles, as diferenças de desenvolvimento económico e social. Mas, em todos se adverte um dinamismo extraordinário. Em diferentes graus, a globalização e a abertura ao exterior alcançam a todos. Também em diferentes graus, deverão elaborar sua pluralidade religiosa, cultural e linguística”.

No Vietnam, explica o Prepósito Geral, há quatro comunidades de Irmãs Carmelitas Descalças, “cheia de

vocações como em nenhum outro lugar, e esperam a permissão governamental para outras fundações. Ainda que não tenhamos uma fundação de Irmãos, quatro professos temporais completam a sua formação nas Filipinas, e outros quatro irão este ano para o mesmo país iniciar o noviciado”.

No Camboja, cinco Irmãs da Coreia em processo de fundação compraram o terreno onde esperam começar em breve a construção do mosteiro; o antigo convento incauto da capital Phnom Penh é na actualidade um orfanato.

Em Taiwan, há dois mosteiros de Irmãs, e dois de Irmãos (uma pequena casa de formação e também uma pequena paróquia).

Em Singapura, uma casa de Irmãs, e duas de Irmãos (casa de formação e uma paróquia).

Na Malásia, há quatro comunidades de Irmãs (uma na península de Malaca, perto da capital Kuala Lumpur, e três na parte malaia da ilha de Borneu).

Também, explica o Padre Geral, existem “comunidades vivas do Carmelo Secular, sobretudo em Singapura e na Malásia. Um cristianismo profundo de fidelidade e de co-responsabilidade no Vietnam e na Malásia. Por exemplo: inclusive nos dias de trabalho, já às cinco e meia da manhã enchem, e inclusive transbordam, as capelas das Irmãs Carmelitas de fiéis que começam o dia participando na oração e na eucaristia”.

Na casa de formação de Singapura, além das vocações próprias da Delegação de Taiwan-Singapura, reúnem-se as da Malásia, Tailândia e Birmânia (Myanmar). “Pelo sofrimento do passado, explica o P. Luís Aróstegui, são povos culturalmente perseverantes e generosos na fé e vida cristãs. As vocações de Taiwan, Singapura e Malásia são maioritariamente de origem chinesa. Representam para o futuro a porta para aquele grande país”.

Todos os carmelitas em formação estão destinados à colaboração em toda aquela extensa região. Os vietnamitas estão já a seguir todo o caminho formativo nas Filipinas. Os da Delegação Taiwan-Singapura (inclusive os dos outros países mencionados) farão, a partir deste ano, o noviciado também nas Filipinas. Eles serão mais tarde os fundadores das comunidades carmelitas nos seus respectivos países.

Os carmelitas em tempo de formação de todos estes países, conclui o Padre Geral, são “campos promissores, que necessitam do apoio da Ordem neste momento ainda inicial, para que essa formação espiritual, teológica e pastoral consolide a sua vocação”.

